

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Religiosidade e esquizofrenia: um relato de experiência em uma instituição pública de saúde mental**

Marina Simas Leal
Sara Guerra Carvalho de Almeida

A psicopatologia fenomenológica surgiu como uma compreensão das experiências de adoecimento a partir da descrição das condições de existência subjetivas. Desta forma, o fenômeno jamais seria visto como um elemento isolado, mas sim, como uma expressão do mundo vivido. Sob essa perspectiva, a esquizofrenia é compreendida como uma modificação estrutural no modo de ser-no-mundo (Moreira, 2011). O Cristianismo expandiu-se globalmente a partir de seu reconhecimento oficial pelo Império Romano no século IV, consolidando-se na Europa. Com a chegada dos portugueses, o paradigma europeu-cristão foi imposto à população brasileira, enraizando-se profundamente na cultura. Assim, cabe ressaltar que o processo histórico-cultural interfere na constituição do sujeito e a religiosidade torna-se um eixo estruturante das experiências (Rotondano, 2013). Dessa forma, este trabalho objetiva compreender como elementos da religiosidade se articulam no vivido esquizofrênico, a partir de um relato de experiência de um estágio realizado em uma instituição de saúde mental. Neste, foram realizadas entrevistas de anamnese com pacientes institucionalizados em uma instituição pública de saúde mental em Fortaleza-CE, ao longo de um mês, no primeiro semestre de 2024, sob supervisão de uma Instituição de Ensino Superior (IES). Realizou-se a análise fenomenológica dos dados coletados a partir de instrumentos metodológicos, como os diários de campo elaborados pela autora. A partir disso, durante as entrevistas, se observou como o discurso e percepção eram atravessados pela cultura religiosa, com a inclusão de personagens como "jesus", "deus", "diabo", "satanás" e "céu" nas histórias relatadas. Além disso, revelou-se, nas experiências apresentadas, uma ruptura com as dinâmicas relacionais, indicando um afastamento do convívio compartilhado, vivendo em um mundo único e próprio. Essa ruptura é nomeada por Minkowski (2004) como perda do contato vital com a realidade, sendo este, o distúrbio fundamental da esquizofrenia, no qual os demais sintomas também se ancoram (Pita; Moreira, 2020). Ademais, o processo psicótico, vivido nessa

patologia, tem a tendência a conglomerar a totalidade das experiências, incluindo psíquicas, no convívio social. Nos encontros vivenciados pela autora, essa experiência, se manifesta ao atribuir figuras cristãs, como Deus e o Diabo, a pessoas dos seus contextos familiares, uma vez que suas percepções de experiências interiores e exteriores se encontram unificadas. Essa falha na percepção e inserção nas relações sociais, relacionado ao campo do senso comum, articula-se com a hipótese da hiper-reflexividade, sendo está o constante questionamento de fenômenos que, a priori, seriam implícitos e pré-reflexivos (Englebert, 2021). Assim, a racionalidade mórbida é demonstrada, por vezes, em questionamentos sobre a morte, a vida ou a presença dos membros do corpo, evidenciando um transbordamento das funções racionais, em detrimento dos fatores intuitivos (Minkowski, 2002). Ademais, considerando o atravessamento religioso evidenciado nos encontros que ocorreram na instituição, essa catástrofe existencial marcada pela racionalidade não se refere a uma simples dificuldade cognitiva de compreensão, mas sim a uma ruptura no contato social, de forma que a percepção da morte relatada diz respeito à costura entre a hiper-reflexividade e o contexto cristão (Pita; Moreira, 2020; Englebert, 2021). Assim, a experiência dos encontros evidencia como a abordagem fenomenológica possibilita uma apreensão mais profunda do vivido esquizofrênico, revelando como elementos culturais, especialmente os de matriz judaico-cristã, atravessam e estruturam a experiência subjetiva dos pacientes.

Palavras-chave: Psicopatologia fenomenológica; Esquizofrenia; Cultura; Religiosidade.